

## CAPÍTULO 6

# GRACILIANO RAMOS E A CRÍTICA LITERÁRIA: O JOGO INTRINCADO PELA CONSAGRAÇÃO<sup>97</sup>

Wellington Pascoal de Mendonça

### 6.1 INTRODUÇÃO

No momento em que Graciliano Ramos iniciou propriamente sua carreira como romancista, com a publicação de *Caetés*, em 1933,<sup>98</sup> a crítica literária era feita sobretudo em jornais e revistas. Era a época em que predominavam os críticos de rodapé, cujo lugar de exercício eram os jornais. Tratava-se de uma atividade não especializada, geralmente realizada por bacharéis em Direito, que comunicavam aos leitores o lançamento dos livros, além de oferecerem a impressão que lhes causavam. Nessa modalidade de escrita não faltavam elementos subjetivos e traços do jornalismo, portanto, critérios não literários (SÜSSEKIND, 2002).

---

97 Este artigo resulta de pesquisa realizada junto ao PPGS-USP, e contou com apoio financeiro da CAPES. Apresentei uma versão dele no 45º Congresso Anual da ANPOCS – GT14 – Elites, espaços e formas de dominação.

98 Antes disso, e pelo menos desde a década de 1910, Graciliano publicou, por vezes utilizando-se de pseudônimos, textos de outros gêneros na imprensa alagoana e carioca. Para uma discussão sobre as primeiras investidas literárias do escritor, consultar Mendonça (2018).

A crítica literária, assim como o conjunto da produção cultural produzida no período, foi afetada por elementos não literários, portanto, não passou ilesa às tensões e disputas sociopolíticas que marcaram a sociedade brasileira na primeira metade do século XX. Ela refletiu, em maior ou menor grau, as agitações causadas pelo advento da primeira e segunda guerras mundiais, o conflito interno pelo poder, que colocou em lados opostos a velha oligarquia rural e a coalizão liderada por Getúlio Vargas, resultando na Revolução de 1930 e na ascensão de seu líder ao governo central, as clivagens entre a direita e a esquerda, bem como os movimentos originados a partir disso, que, inclusive, contribuíram para dividir os intelectuais.

Diante disso, com o propósito de oferecer um panorama da recepção obtida por Graciliano Ramos – dar inteligibilidade à ingerência de fatores externos à literatura no julgamento dos críticos, e como seus artigos atuavam em mão dupla, servindo aos críticos e ao escritor nos jogos pelo reconhecimento e consagração –, me ocupei da maneira como Agripino Grieco, Sérgio Milliet, Álvaro Lins e Antonio Candido receberam Graciliano. Em comum, o fato de todos terem sido críticos de rodapé, emissores de juízos que orientaram a leitura dos livros do escritor.

Agripino Grieco, em *O Jornal*, recebeu-o imediatamente após a publicação de *Caetés* e *S. Bernardo*. Os demais, por terem escrito sobretudo na década de 1940 – Sérgio Milliet e Antonio Candido no *Diário de S. Paulo*, e Álvaro Lins, no *Correio da Manhã* –, fizeram suas críticas com certo distanciamento e, no caso dos dois últimos, tomando as obras em seu conjunto.<sup>99</sup> Quanto à escolha de Antonio Candido, a despeito de ter atuado também na imprensa, ela pode ser pensada pelo fato da recepção dele ter sido realizada com base em critérios científicos, e assim Graciliano conheceria a consagração também no âmbito acadêmico.

## 6.2 CRÍTICA LITERÁRIA E OS JOGOS PELA CONSAGRAÇÃO

A recepção primeira de Graciliano Ramos foi feita por Aurélio Buarque de Holanda e Valdemar Cavalcanti, ambos companheiros de roda intelectual do escritor. Além de tratarem do livro, o tipo de recepção que fizeram serviu para tornar o nome de Graciliano conhecido nos meios literários do centro da produção e consagração, localizado no Rio de Janeiro.<sup>100</sup> Ao mesmo tempo que os referidos críticos se manifestaram sobre *Caetés*, Agripino Grieco escreveu sobre ele em *O Jornal*.

O crítico era proprietário e redator-chefe do *Boletim de Ariel*, além de dono da Editora Ariel, responsável pela edição de *S. Bernardo*. Apenas com isso, vê-se que não se tratava de um especialista, já que as atividades de editor e crítico eram exercidas

<sup>99</sup> Recolhi na Hemeroteca da Biblioteca Nacional as críticas escritas por Agripino Grieco. Quanto aos demais, consulte o material recolhido em livros que reuniram a obra deles, seja ele apenas acerca de Graciliano Ramos, como é o caso de Antonio Candido, ou de boa parte daquilo que saíra na imprensa sobre assuntos variados, no qual se enquadram Sérgio Milliet e Álvaro Lins. Em todos os casos as referências serão indicadas oportunamente.

<sup>100</sup> Para uma discussão acerca da recepção que *Caetés* obteve por parte desses críticos, bem como o papel que desempenharam na trajetória literária de Graciliano Ramos, consultar Mendonça (2020).

concomitantemente. A crítica praticada por Grieco é representativa da época: o tom jornalístico prevalecia, as análises eram superficiais e diziam mais sobre as impressões que as obras haviam deixado nele do que pelo seu valor estritamente literário, primava-se o ecletismo estético, a sátira, o uso desmedido da linguagem e de imagens, as analogias também foram vastamente utilizadas. Além disso, os textos dele traziam informações biográficas, por meio das quais situava o autor com o propósito de encontrar alguma homologia entre a sua personalidade e a obra (LAFETÁ, 2000).

Seus comentários sobre o livro de estreia de Graciliano Ramos mostram isso. Logo de saída o crítico alude ao fato de já conhecer o escritor, bem como outros companheiros da roda intelectual dele.

*Da minha parte, não tenho prazer algum em registrar mau tempo nas letras. Sinto-me, ao contrário, alegríssimo quando há a perspectiva de belos dias, quando há mesmo a certeza de um belo dia a desfrutar de pronto.*

*É o caso deste admirável romance do sr. Graciliano Ramos, intitulado “Caetés”.*

*Conheci o autor em Maceió. Passava eu por lá, em direção a Recife, quando José Lins do Rego, Valdemar Cavalcanti, Aloysio Branco e o sr. Graciliano me foram buscar a bordo [...]. Mas uma das coisas que vi com mais gosto foi o romancista dos “Caetés”, alto, magro, pouco palrador, sem nenhum talento no sorriso, com um jeito de revisor suplente de jornal aqui no Rio, dos que recebem sempre em atraso. Indo para a terra ou voltando para bordo [...], quase não lhe ouvi dez palavras.*

*Leio-lhe agora o volume de estreia e verifico que tal romance é bem de tal homem. Nada de gastar saliva inutilmente. Nada de consumir papel quando não seja para dizer qualquer coisa realmente proveitosa ao gosto ou à sensibilidade dos demais. [...] E que civilizada finura manteve em lugares como Palmeira dos Índios, onde o seu livro decorre e onde, se não estou equivocado, foi prefeito, por sinal prefeito pouco panglossiano quanto aos frutos da própria administração, aludindo com um desdém, meio swiftiano à sua municipalidade e respectivos munícipes.*

*Hoje é diretor da instrução de Alagoas, mas, ao contrário daquele oficial superior da instrução do Eça que perguntava se na Inglaterra havia literatura, sabe que existem literatura inglesa, francesa, portuguesa e mesmo brasileira.*

*“Caetés” é um belíssimo trabalho, dos que mais me têm deliciado nestes Brasis, em qualquer tempo. Esse homem sequíssimo entrou logo para o número*

*da “minha gente”, na minha biblioteca. Romance bem pensado, bem sentido, bem escrito e com o mínimo de romance possível.*<sup>101</sup>

Esse trecho oferece uma amostra significativa do tipo de crítica realizada por Agripino Grieco. Seu argumento é construído por meio de analogias e comparações, sejam com outras obras literárias, sejam com seus autores, assim, acaba afastando-se do que deveria ser seu objeto principal, o livro. Outra coisa característica é a utilização de jogos de palavras e imagens, bem como digressões acerca da biografia de Graciliano, que utiliza inclusive para tratar do livro, como se houvesse correspondência entre ambos.

A recepção é bastante favorável, o elogio é gratuito, já que não há análise do romance. Dessa maneira, não surpreende que coloque Graciliano como um de seus autores preferidos apesar dele ter, naquele momento, apenas um livro publicado. Deve-se notar que os comentários do crítico e, conseqüentemente, seu julgamento ficam sempre em torno da impressão que o escritor e o seu livro causaram nele, inclusive o tom do texto é indicativo disso, pois o trata de modo ameno, ainda que logo na primeira linha tenha indicado, implicitamente, que sua reputação era de um crítico mordaz. O efeito disso: engrandecimento do autor e do livro, conseqüentemente, a abertura das portas ao escritor que estreava.

Mais do que isso, a sociabilidade com o escritor, e com seus companheiros de roda intelectual – e essas coisas ficam nítidas tanto pela forma como Grieco mobiliza os dados biográficos deles, quanto ao fato, não explicitado no trecho, de Valdemar Cavalcanti, José Lins do Rego e Aurélio Buarque de Holanda e, mais tarde, Graciliano, escreverem para o *Boletim de Ariel*, do qual o crítico era um dos donos e diretor-chefe – permite-me afirmar que se tratava de um tipo de solidariedade entre grupos, já que esses escritores haviam estreitado relações e contavam com o apoio de um crítico reconhecido, que ocupava posição central no campo.<sup>102</sup>

A recepção de *S. Bernardo* segue, em linhas gerais, o mesmo itinerário. Novamente tratou de uma suposta homologia entre o romance e a personalidade de seu autor, extraindo disso as impressões que o livro deixara nele. Vale-se, como no outro artigo, de analogias e comparações, enquanto a análise permanece superficial. Um exemplo basta para se ter ideia do tratamento dispensado pelo crítico ao segundo livro do escritor alagoano.

*Mas leia-se o romance sem apriorismo, admita-se a maneira do autor, sem rebeldia em aceitá-lo tal qual é, e reconhecer-se-á que ele, mau grado essa*

101 Grieco, Agripino. “Corjá”, “Sinhá Dona” e “Caetés”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1934.

102 Ao utilizar a noção de campo literário, apoio-me nos estudos de Bourdieu (1996) acerca do caso francês, diverso do brasileiro. Não ignoro o fato de no Brasil não haver, pelo menos até a década de 1940, as condições que concorreram para a autonomização do campo na França. Contudo, havia já, em seu interior, regras de funcionamento, valores e interesses compartilhados por aqueles que se lançaram na vida literária a fim de se tornarem escritores profissionais. Para uma discussão sobre o tema, consultar Johnson (1995).

*presença constante em tudo o que escreve, é um notável romancista. Até o uso dos ríftões e frases feitas sertanejas prova que não há no sr. Graciliano Ramos nenhuma arrogância de esteta, nenhum orgulho de artista que observe tudo refrangido numa estante de livros.*

*Achei nele um dos maiores amigos do meu espírito, dentre os que fiz ultimamente, e este “S. Bernardo” não deixa de robustecer a admiração com que recebi os “Caetés”. [...] Reticente por vezes, não se abandonando de todo ao leitor, o sr. Graciliano Ramos, primeiro crítico dos seus heróis, como que já selecionou a vida inteligentemente em seu livro e facilita o trabalho dos críticos profissionais.<sup>103</sup>*

Após uma e outra ressalva ao longo do artigo, abranda-as elogiando seu autor. A modalidade de crítica praticada por Grieco transmite a ideia de que mais do que a obra, o que estaria propriamente em jogo são suas afeições e preferências, pois não são poucas as vezes que se remete à afinidade entre a sua personalidade e a do autor. Antes de qualquer coisa, o crítico impressionista fazia um juízo, asseverando o que valia a pena ou não de ser lido. E, na medida em que se colocava na condição de árbitro, fazia do escritor alagoano alguém que deveria ser respeitado, justamente porque ele havia passado por seu crivo.

Além de alguns companheiros de roda de Graciliano escreverem para o *Boletim de Ariel*, *S. Bernardo* fora publicado pela editora de Agripino Grieco e Gastão Cruls, a Editora Ariel. Ora, era no mínimo razoável, ainda que se tentasse ter algum grau de independência, recepcionar o livro bem. Deve ser por isso, inclusive, que o tom do artigo que trata do segundo romance do escritor é menos laudatório, apontado aqui e ali algumas falhas, ainda que em seguida seja feito um abrandamento, e mesmo o elogio, conforme o trecho transcrito. Pode-se falar, portanto, de interesses que não dizem respeito apenas à qualidade do livro, mas também à sua comercialização, fator não literário que de certo modo pode influenciar a recepção quando feita por alguém imediatamente interessado no sucesso comercial do romance, como é o caso de Grieco em relação a *S. Bernardo*.

Sérgio Milliet, um dos principais críticos paulistas à época, também dedicou um espaço de sua atividade à obra de Graciliano Ramos. Não obstante, sua atenção se voltou principalmente aos contos e às memórias do escritor.<sup>104</sup>

Num texto de 1948, que suscita, no mínimo, duas interpretações, Milliet trata do seu quase silêncio sobre Graciliano, denotando admiração e respeito, que podem ser tomados como uma recepção favorável, e também dos motivos pelos quais não escrevera sobre certos autores, e em particular o escritor alagoano. Nesse caso, talvez,

---

103 GRIECO, Agripino. “Sem título”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1934.

104 O crítico chega a sugerir que Graciliano é um grande contista, colocando lado a lado seus contos e romances (MILLIET, 1981, (VIII), pp. 278-282).

Milliet esteja falando de si, ou melhor, do ato de escrever, demanda sua, portanto, que se relaciona à atividade de crítico.

*Nunca escrevi sobre o “Ateneu” e é a meu ver o melhor livro da literatura brasileira. À exceção de pequenas notas ocasionais nunca escrevi sobre Graciliano Ramos e entre os romancistas vivos do Brasil é o que me comove mais profundamente. É o que eu mais admiro. No entanto, silencio. Dir-se-ia uma espécie de pudor. E o medo das injunções da objetividade...*

*Embora me esforce por não fazer jamais de meu comentário um julgamento, nele, sub-repticiamente, se imiscuem os juízos. E quando menos espero, estou tomado pelo desejo de imparcialidade, estou talvez magoando, sem motivo, a quem menos desejo magoar (MILLIET, 1981, (VI), p. 248).*

Em outro artigo, ao tecer comentários sobre *Infância*, pode-se ter ideia da maneira como recepcionou o escritor.

*“Infância”, embora publicado na coleção de “memórias, diários e confissões” não se classifica, adequadamente, em nenhuma dessas categorias. Não tem a preocupação cronológica das memórias, nem revela qualquer intenção de reconstituir um período de vida, como subsídio para os futuros biógrafos, nem sequer põe em relevo fatos que elucidem bastante a formação intelectual e psicológica do autor. É antes uma seleção de páginas literárias que se situam entre a crônica e o conto e se apoiam em vagas reminiscências da infância. [...] Nada disso importa do ponto de vista da realização artística. Esta é alcançada amiúde, num ou outro período, mais raramente em um capítulo inteiro. Mas como podemos percebê-la e assisti-la? Pela imediatez da penetração do escritor em certas “interioridades” essenciais e pelo deslumbramento que sentimos ao depará-la. Então Graciliano Ramos transcende o pessoal e o particular e chega ao universal, através desse equilíbrio perfeito de seu estilo, cuja característica mais sensível é a limpeza, é a simplicidade, é a elegância sem pose nem maneirismos, nem mesmo vaidades intelectualizantes. Então temos algo tão elevado e tão profundo quanto certos trechos de Raul Pompeia ou daquele admirável “Grand Maulnes”, de Alain Fournier (MILLIET, 1981, (IV), pp. 201-202).*

O tom do texto de Sérgio Milliet é diverso daquele que se observa em Grieco. Menos empolado, os recursos meramente retóricos não ficam tão evidentes quanto na-

quele crítico. A análise da obra também é menos superficial, ainda que se valha por vezes de comparações, analogias e digressões. Assim, tornam-se mais sutis as homologias que eventualmente possam ser verificadas entre autor e obra. A atenção do crítico recai sobre o ponto de vista estético, o que talvez reflita a inflexão da crítica, e mesmo da literatura, a partir da segunda metade da década de 1940, quando as discussões pendem para a esfera estética, numa espécie de contraponto ao predomínio da ingerência de cunho ideológico observado desde o início dos anos 1930, que beneficiou os escritores de alguma maneira associados a essa perspectiva, como foi o caso dos romancistas nordestinos.<sup>105</sup>

Voltando à recepção de *Infância*, Milliet não economiza no elogio, e o faz pautado mais em critérios propriamente literários do que com vistas a fatores não literários. Para o crítico paulista, a figura do escritor, ou sua personalidade, não era imprescindível para sua avaliação.

O excerto que foi transcrito, diferente do que ocorrera no caso dos textos de Grieco, não fornece elementos para que se possa afirmar haver uma suposta proximidade entre Graciliano e Milliet. A despeito disso, a recepção favorável, bem como o prestígio do crítico na imprensa paulista certamente serviram a Graciliano, ajudando-o a consolidar sua imagem de grande escritor em São Paulo.

A recepção empreendida por Álvaro Lins, figura de grande importância da crítica dos anos 1940, a Graciliano Ramos, pode ser pensada, inicialmente, a partir dessa passagem:

*Por coincidência, em nosso caso, dos dois livros do sr. Graciliano Ramos que nos parecem especificamente romances, um, *Angústia*, é a sua obra-prima, e uma das realizações importantes e características da ficção brasileira, enquanto o outro, *Caetés*, é uma obra de todo falhada e inexpressiva. As duas novelas, por sua vez, são ambas excelentes e consideráveis, embora com alguns defeitos fundamentais de idealização e de construção, que serão indicadas no decorrer destes artigos, com os quais voltamos pela terceira vez a tratar de um autor especialmente estimado e de uma obra calorosamente admirada por todos os seus companheiros de vida literária (LINS, 1951 (6), pp. 54-55).*

Antes de fazer qualquer afirmação acerca da recepção de Graciliano com base nessa passagem, importa indicar que Álvaro Lins está lidando com um autor já reconhecido, como ele mesmo adverte. Desse ponto de vista, está mais próximo de Sérgio Milliet, que também o recepcionou na década de 1940, e distante de Agripino Grieco, que fez a re-

<sup>105</sup> Tomei como referência as discussões empreendidas por Lafeté (2000) e Bolle (1979). Enquanto aquele asseverava ter havido um deslocamento do projeto estético, predominante nos anos 1920, para o projeto ideológico, nos anos 1930, esta argumentava ter ocorrido uma união entre ambos os projetos durante o decênio de 1930 e uma ruptura, que provocava, segundo as filiações de cada um, uma guinada à ideologia político-social ou ao espiritualismo no decorrer dos anos 1940.

cepção dos dois primeiros romances do escritor alagoano no momento em que foram lançados. E isso não pode ser negligenciado, pois se no caso de Grieco tratava-se de discorrer sobre a obra de um estreante, podendo, por isso, impulsionar ou dificultar sua colocação e permanência no campo, acredito que no caso de Milliet e Lins seus posicionamentos tiveram o sentido de ratificar ou não uma posição conferida anteriormente pela crítica e pelos outros escritores e, como desde já pode ser apreendido, Álvaro Lins confirma a posição de grande literato desfrutada por Graciliano aproximadamente quinze anos depois de sua estreia como romancista.

Outra passagem significativa fornece elementos acerca das atenções do crítico. Segundo ele,

*nas crônicas anteriores, o meu objetivo foi interpretar o sentido geral da obra do sr. Graciliano Ramos, procurando fixar os traços da personalidade do escritor e a projeção dela através da arte literária. Tinha imaginado discutir desta vez a significação política da sua obra, e com uma opinião contrária à que se acha estabelecida, no que me vejo impedido pelas circunstâncias exteriores, pois não seria leal e correto abrir esse debate num momento que lhe é pouco oportuno, prestando-se a minha atitude a explorações extraliterárias. [...] Procuremos, então, outro terreno para esses comentários [...]. Este terreno poderá ser o da evolução literária do sr. Graciliano Ramos, vista melhor através de uma leitura de conjunto dos seus romances e novelas, fixada em cada um dos seus livros (LINS, 1951 (6), p. 55).*

Conforme se depreende desse trecho, a visada daquilo que escreve sobre a obra de Graciliano aproxima-se do impressionismo, algo eclético, já que tinha por objetivo conhecer o sentido geral da obra, bem como encontrar relações entre a personalidade do escritor e os textos dele. Já foi dito que semelhante intenção fora levada à frente por Grieco, exemplo típico da crítica impressionista. Todavia, a comparação entre ambos se encerra aqui, e apenas será possível fazê-la se o impressionismo for tomado no sentido de crítica não especializada. A qualidade dos textos, em termos das análises e sugestões que ofereciam aos leitores, é diversa, destacando-se positivamente Álvaro Lins, que inclusive fez da crítica sua profissão, diferente de Grieco, que, como foi visto, atuou no mercado editorial.

Sem perder de vista o que foi dito, vale notar a alusão que o crítico faz às tensões políticas e às disputas causadas por ela na literatura, pois deixaria de tratar do significado político da obra do escritor alagoano devido a circunstâncias não literárias. O artigo de Álvaro Lins é de 1947, nesse momento, a imagem de Graciliano já estava relacionada ao comunismo. Sensível às questões sociais e políticas,<sup>106</sup> o crítico, colocando-se como árbitro, arroga-se o direito de tomar outro caminho, o da evolução

**106** Essa sensibilidade, bem como aspectos gerais da crítica realizada por Álvaro Lins foram discutidas por Bolle (1979).



literária de Graciliano Ramos. Acredito que tanto na posição de sentenciador quanto na alternativa escolhida por Álvaro Lins, pode-se vislumbrar o tipo de crítica que empreendeu, de cunho estetizante, que não deixava de ter relação com os debates que ocorriam, à época, na literatura.

O tema escolhido pelo crítico acabou condicionando a leitura que fez da obra de Graciliano. Tratou-a como se o autor e a obra estivessem necessariamente, e de forma linear, evoluindo. Nesse sentido, colocou *Caetés* no patamar mais baixo desse processo e, como não poderia deixar de ser, enxergou avanços em *S. Bernardo*, que, no entanto, só seriam consolidados e confirmados em *Angústia*. Esse estado de coisas pode ser observado na seguinte passagem:

*A primeira edição de Caetés apareceu em 1933; o seu autor, nessa época, era uma figura municipal, tendo vivido até a maturidade numa cidade do interior de Alagoas. Não se tinha aí a estreia de um rapaz, de um jovem, pois ao publicá-lo já entrara o romancista na casa dos quarenta anos. Essa circunstância explicará, talvez, que, sendo um livro falhado e sem valor, Caetés nem sequer tenha deixado suspeitar o grande escritor que surgiria depois em São Bernardo, Angústia e Vidas secas. Não havia nele as indecisões, os erros, as perplexidades, os excessos, misturados, porém, a certas revelações de talento, que nos livros de alguns estreadores nos levam a jogar certo no futuro deles. Não, não era este o caso de Caetés. Tudo nas suas páginas revelava segurança e estabilidade, mas de má qualidade. Um livro maciçamente ruim. [...] Apenas um ano depois de Caetés, em 1934, aparecia São Bernardo; e dir-se-ia que era o livro de um novo escritor, tal a diferença entre um e outro, quanto ao valor literário e à significação humana. A não ser que o primeiro tenha sido escrito muitos anos antes do aparecimento, a evolução tão fundamentalmente marcada no segundo, num insignificante espaço de tempo, é inexplicável, é um dos muitos mistérios da criação artística. Isso seria assunto, aliás, para uma página de depoimento ou interpretação a ser escrita por alguns dos companheiros que viveram em intimidade com o sr. Graciliano Ramos na sua fase alagoana, como a sra. Rachel de Queiroz ou os srs. José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Holanda, Valdemar Cavalcanti e Raul Lima. [...] Este capítulo XXXI de São Bernardo é sem dúvida uma pequena obra-prima, que contrabalança os defeitos e deficiências que porventura possam ser apontados em toda a novela. Para encontrar páginas semelhantes na obra do sr. Graciliano Ramos será preciso buscá-las em capítulos culminantes de Angústia, como veremos na próxima crônica (LINS, 1951 (6), pp. 56-61).*

Crônica, algo próximo ao tom jornalístico, assim poderia ser definido o tipo de texto escrito por Álvaro Lins. E isso importa porque a partir desse dado se compreende melhor a recepção de Graciliano Ramos. Enquanto crônica, antes de interpretação, o que o crítico apresenta são dados biográficos, como o fato de Graciliano ter estreado tardiamente como romancista e que morava no interior de Alagoas e, também, coisas que dizem respeito à história literária, notadamente, quando alude à roda de Maceió.

Evidentemente, esse tipo de arranjo do texto dava ao crítico maior liberdade no tratamento do assunto, assim, suas opiniões sobre a obra de Graciliano ficavam, por vezes, na superficialidade, e isso provavelmente se relaciona também ao fato de suas críticas saírem em jornais, e que um público não especializado iria ler suas colunas. E como não poderia deixar de ser, justamente pelo fato de exercer a crítica no jornal, ele precisava prender a atenção dos leitores e fazê-los se interessarem não apenas pelo livro do escritor, mas pelo seu próprio artigo, condição satisfeita pelo estilo adotado.

Seus comentários, sejam eles positivos ou negativos, são assertivos, indicando, por um lado, sua autoridade e, por outro, o tom de noticiário que a crítica impressionista possuía. Acredito que não seria exagerado pensar que ambas as coisas permitiam a ele passar ao largo de uma discussão aprofundada dos livros – ainda que por vezes elementos objetivos aparecessem em seus artigos –, aliás, esse aspecto fica mais nítido quando se observa a saída que encontra: trata os pontos fortes do livro como lampejos de criação artística, algo imponderável.

O segundo texto de Álvaro Lins inicia-se novamente com informações biográficas para, depois, resvalar no significado político e social de Graciliano e, suponho, também da obra – ainda que isso tivesse sido refutado pelo crítico –, já que um traço do impressionismo é justamente encontrar correspondência entre um e outro.

*Em 1936, dois anos depois de São Bernardo, aparecia Angústia, num momento, aliás, que o sr. Graciliano Ramos se achava na cadeia, perseguido de maneira estúpida e inexplicável pela polícia-política que preparava o ambiente para a ditadura. Não era ele naquela época um homem de partido, mas apenas – e como ainda hoje nos seus livros de ficção – um escritor independente, tendo a consciência da sua arte como expressão de realidades humanas, honestamente observadas e superiormente reveladas. Angústia, por sinal, é o menos “social” dos seus romances, e o mais introspectivo, o mais impregnado de subjetivismo, o mais voltado para a vida interior dos personagens, a despeito de alguns aspectos que dizem respeito à organização da sociedade. [...] Defeito de técnica, talvez, será que a primeira parte se tenha alongado demais em prejuízo da segunda. De orientação, porém, nenhum defeito. [...] Contudo, o que principalmente valoriza Angústia é que sobre um enredo dessa espécie o sr. Graciliano Ramos tenha realizado um dos mais apaixonantes e intensos romances da nossa literatura contemporânea. De que se formou, então, o romance? Da vida interior e da análise psicológica de Luís da Silva.*

*[...] Deve-se ainda assinalar que, dentro embora de um processo de romance universalmente utilizado, Angústia não se liga particularmente a qualquer modelo europeu ou norte-americano, sendo um livro brasileiro quanto ao espírito e à forma (LINS, 1951 (6), pp. 61-65).*

Os dados biográficos mobilizados pelo crítico não são fortuitos, pois logo após relatar a prisão injusta de Graciliano Ramos, de preparar o terreno, trata dos aspectos políticos que envolveram a prisão do escritor, e do aspecto “social” que suas obras possuíam. Arrisco a dizer que Álvaro Lins falava também de si, já que fora perseguido e preso quando ainda residia em Pernambuco, mudando, após, para o Rio de Janeiro,<sup>107</sup> igualmente como fizera o escritor alagoano, que, transferido para a então capital do país ainda preso, ao ser solto decidiu se estabelecer definitivamente na cidade. Para além de alguma solidariedade, essa é mais uma marca da crítica impressionista, que dentre outros aspectos, já referidos, valorizava também a compatibilidade entre crítico e autor, o que pode ser inferido desse trecho.

Quando o crítico trata dos defeitos que eventualmente a obra de Graciliano apresenta, reputa-os à deficiência de técnica do autor, contrapondo ao que foi sugerido no excerto anterior, que tratava a qualidade como algo intrínseco ao criador, de ordem pessoal, portanto, bem como à sensibilidade artística e humana do escritor, exemplificada pela destreza em manipular aspectos interiores das personagens. A análise psicológica é algo recorrente em Álvaro Lins, pois isso o autorizava a falar na universalidade da obra, e esse aspecto pode ser notado quando começa a discorrer sobre *Vidas Secas*.

*Aliás, o mais brasileiro dos livros do sr. Graciliano Ramos é sem dúvida a novela Vidas secas, publicada em 1938. Revelaram-se nesta obra algumas das melhores qualidades do seu autor, ausentes no que escrevera antes. Antes, em São Bernardo e Angústia, a sua atitude humana era quase simplesmente de sarcasmo e revolta egoísta. Em Vidas secas, ele se mostra mais humano, sentimental e compreensivo, acompanhando o pobre vaqueiro Fabiano e sua família com uma simpatia e uma compaixão indisfarçáveis. [...] Além de ser o mais humano e comovente dos livros de ficção do sr. Graciliano Ramos, Vidas secas é o que contém maior sentimento da terra nordestina, daquela parte que é áspera, dura e cruel sem deixar de ser amada pelos que a ela estão ligados teluricamente. [...] Parece-me que Vidas secas representa ainda uma evolução na obra do sr. Graciliano Ramos quanto ao estilo e à qualidade estritamente literária. [...] Afinal, se Angústia é a sua maior realização como ficcionista, Vidas Secas é a obra que nos oferece toda a sua medida como escritor, justamente com Infância (LINS, 1951 (6), pp. 67-68).*

107 Esse dado biográfico acerca de Álvaro Lins foi retirado de Bolle (1979).

Além de enfatizar aquilo que lhe parece caro na boa literatura – seu teor humano, bem como sua universalidade –, do trecho pode-se extrair outra característica que ele reclama, a verossimilhança, por meio da qual procura correspondências entre o mundo social e a obra literária.

Agora, não deixa de ser curioso notar, uma vez mais, a identificação que ocorre entre o crítico e o escritor. Álvaro Lins, natural do interior de Pernambuco, identifica-se com Graciliano, que nascera no interior alagoano, ambos, portanto, estariam conscientes dos dilemas ocasionados pela seca. Projetando-se no escritor, numa espécie de conciliação de pontos de vista, o crítico encontra uma correspondência de si naquele, que assim lhe ganha, recebendo do julgador uma sentença favorável.

Finalmente, em outro trecho, Álvaro Lins reforça o veredicto que antecipara no início de seu texto.

*Com meia dúzia de livros, a obra do sr. Graciliano Ramos já avulta hoje como uma das mais expressivas e valiosas da literatura brasileira, a despeito da desproporção que existe entre a riqueza da sua vida interior e a insuficiência do seu material de observação, entre a sua arte de escrever e o pequeno mundo de ficção (LINS, 1951 (6), p. 69).*

O tipo de abordagem realizado por Álvaro Lins, e mesmo seus julgamentos, fazem-me supor que ao tratar de alguém já consolidado como escritor – pelo menos no plano das recompensas simbólicas –, ao cravar a qualidade de Graciliano Ramos, ao mesmo tempo, e muito provavelmente inconscientemente, reforçava seu prestígio como crítico. Com isso, não estou questionando a honestidade dele, apenas sugerindo que a posição desfrutada pelo escritor poderia rearranjar as tensões e disputas na medida em que as forças eram similares.

Resta, agora, ver como foi a recepção empreendida por Antonio Candido que, embora escrevesse rodapés quando tornou pública a primeira série de textos sobre a obra de Graciliano Ramos, estava impregnado pelos conhecimentos acadêmicos e vivências universitárias.

Numa primeira visada, Candido destoa dos demais críticos justamente e fundamentalmente pela sua inserção acadêmica, que se refletiu no tipo de abordagem do texto literário, priorizando a perspectiva estética das obras. Além de ter cursado Ciências Sociais, entre 1941 e 1944 integrou o grupo de *Clima*, por meio do qual se projetou como crítico literário na cena cultural de São Paulo,<sup>108</sup> e escreveu nos rodapés da *Folha da Manhã*, entre 1943 e 1945, e *Diário de São Paulo*, de 1945 a 1947.

Portanto, a relação de forças entre o crítico e o escritor estava equilibrada, pois ambos já haviam adquirido prestígio entre os pares. Aqui, uma primeira semelhança com Álvaro Lins, que durante os anos 1940 gozou de grande reconhecimento pela sua obra como crítico. Daí minha insistência quanto às leituras tardias da produção lite-

108 Para uma análise sobre *Clima*, consultar Pontes (1998).

rária de Graciliano Ramos: não se tratava apenas de emitir juízos sobre ela, importava, também, firmar posição entre os críticos. Uma via de mão dupla, o prestígio de ambos – críticos e escritor – os fortalecia à medida que ao mesmo tempo que era importante ter sua posição de grande escritor ratificada pelos críticos legitimados, a esses era de bom grado ocupar-se do escritor reconhecido, e isso conferia distinção a todos.

Como Álvaro Lins, e praticamente no mesmo período – pois quando Candido se ocupou da obra de Graciliano Ramos, com exceção do livro póstumo, *Memórias do cárcere*, os demais já haviam sido publicados –, pôde analisá-la conjuntamente. Com uma perspectiva relativamente próxima à do crítico pernambucano, afirma que a qualidade dos livros do escritor estava numa crescente, e que isso poderia ser percebido na leitura desde que se acompanhasse a ordem em que apareceram. Quanto a esses aspectos, Candido teve a primazia, já que seus textos são de 1945, e os de Álvaro Lins, de 1947. No entanto, as semelhanças acabam aqui, notadamente porque a abordagem do crítico uspiano está atravessada por uma perspectiva inclinada à ciência, cujo foco da análise encontra-se no texto.

Antes de trazer exemplos da recepção dispensada por Candido ao escritor alagoano, é significativo observar o que diz Sérgio Milliet sobre o crítico:

*Acerca da obra, muito louvada e pouco estudada ainda, de Graciliano Ramos, escreveu Antonio Candido um excelente ensaio, digno de servir de modelo à nossa jovem crítica, porquanto nele se alia a inteligência interpretativa à sensibilidade; e tem o leitor não apenas a chave para a compreensão de Graciliano Ramos como ainda o prazer da leitura de umas tantas páginas limpas e elegantes do ensaísta (MILLIET, 1981, (X), p. 222).*

Se, à primeira vista, esse excerto pode parecer anedótico, ele ganha sentido quando se atina que o texto é de outubro de 1956, pouco tempo depois da inclusão do ensaio de Candido, *Ficção e Confissão*, nas edições de *Caetés* que circularam entre 1955 e 1969, e depois em *S. Bernardo*, dessa data até 1974 (CANDIDO, 2012). Com esse gesto, Milliet reconhecia Candido como o intérprete de Graciliano Ramos, sugerindo que sua leitura sobre o autor devesse servir de orientação. E para Candido, tratava-se mesmo de marcar posição:

*Quando Graciliano publicou Infância (1945) eu era crítico titular, como se dizia, do Diário de São Paulo. Naquela altura ele já me parecia destacar-se de maneira singular entre os chamados “romancistas do Nordeste”, que nos anos de 1930 tinham conquistado a opinião literária do país. Por isso, resolvi aproveitar a oportunidade a fim de marcar minha opinião por meio de um balanço da sua obra. Escrevi então cinco artigos, um para cada livro, terminando pelo que estava aparecendo (CANDIDO, 2012, p. 9).*

Jogo intrincado, marcado por disputas e também solidariedade entre escritores e críticos, entre os escritores e entre os críticos, que se valiam de expedientes variados para se cacifarem nas disputas por reconhecimento. Mas isso não significa afirmar que essas coisas se davam deliberadamente, e que as alianças sempre existissem. De todo modo, as relações de força estavam postas e baralhavam o jogo, que poderia ou não trazer ganhos individuais ou para ambos os lados.

A forma como Antonio Candido recepcionou Graciliano deixa evidente como esses jogos se davam. Em relação aos outros críticos mobilizados nesse trabalho, que grosso modo podem ser caracterizados como impressionistas, Candido levava em consideração texto e contexto, sem que isso significasse qualquer tipo de condicionamento social. Assim, aquilo que era externo, ao invés de ser visto como causa ou significado, deveria ser tomado como elemento constituinte da estrutura, mais exatamente, como elemento interno do texto. Essa inversão daria ao elemento social outro papel, devendo ser analisado à medida que atuava na determinação do valor estético. Isso relaciona-se com a perspectiva de Candido sobre a crítica, para a qual o interessante seria saber quais os fatores que atuam na organização interna da obra (CANDIDO, 2011).

Ao analisar os livros de Graciliano Ramos, o crítico se deteve exatamente nos elementos constituintes da estrutura interna dos textos. Ao discorrer sobre *Angústia*, por exemplo, à medida que tratava da forma como o escritor construíra a personagem principal do seu romance, mostrava concomitantemente como a constituição psicológica dela acabava por estruturar toda a trama, as outras personagens, o enredo, a ambientação.

*Desespero oriundo do sentimento de um drama não só pessoal, mas também coletivo. Drama de todos, de tudo; da vida malfeita, dos homens mal vividos. Drama da velha Germana, “que dormiu meio século numa cama dura e nunca teve desejos”; de José Baía, matando sem maldade e de riso claro; de seu Evaristo, enforcado num galho de carrapateiro; do Lobisomem e suas filhas. Gente acuada, bloqueada, esmagada pela vida, espremida até virar bagaço, sem entender o porquê disso tudo. E a dureza, a incrível dureza desse pequeno mundo sem dinheiro nem horizonte, cuja existência é uma rede simples e bruta de pequenas misérias, golpes miúdos e infinitas cavilações.*

*Não há saída. O judeu Moisés prega a revolução social e distribui boletins. Nada, porém, penetra a opacidade das vidas pequeno-burguesas, inacessíveis à renovação e tropegamente aferradas à migalha. A filosofia de Angústia pressupõe, além do nojo, a inércia, amarela e invicta.*

*Na realidade, nojo, inércia e desespero são características de Luís da Silva, mas se estendem por todo o livro porque ele assimila o mundo ao seu mundo interior (CANDIDO, 2012, pp. 49-50).*

Ainda quanto à estruturação interna da obra, de como elementos externos, passando pela mediação do autor, são colocados em funcionamento, como se tornam, assim, elementos constituidores do texto, pode-se tomar o exemplo, caro ao crítico, que foi sintetizado no título do livro que reúne seus trabalhos sobre Graciliano Ramos: *Ficção e Confissão*. Para Candido, o escritor alagoano teria caminhado da ficção para a confissão porque aquela teria deixado de ser suficiente para ele se expressar (CANDIDO, 2012, p. 92). Em *Angústia*, segundo o crítico, isso já seria perceptível.

*Além disso, surge elemento novo, o recurso à evocação autobiográfica, que se junta frequentemente, por associação, às coisas vistas e à experiência cotidiana, para construir o fluxo da vida interior. [...] Nesta altura cabe uma interrogação: até que ponto há elementos da vida do romancista no material autobiográfico do personagem?*

*Ninguém dirá que sou vaidoso referindo-me a esses três indivíduos*

*– disse ele no discurso em que agradeceu o jantar do cinquentenário –*

*porque não sou Paulo Honório, não sou Luís da Silva, não sou Fabiano.*

*Quanto ao primeiro e ao terceiro, não há dúvida. Do segundo, nota-se que a sua meninice é, pouco mais ou menos, a narrada em *Infância*. Só que reduzida a elementos da etapa anterior aos dez anos, quando morou na fazenda, à sombra do avô materno (aqui, paterno), e na vila de Buíque; aproveitou, pois, a parte do sertão, como quem quer dar maior aspereza às raízes do personagem. [...] E não é difícil perceber que deu a Luís da Silva algo de muito seu: a vocação literária, o ódio ao burguês e coisas ainda mais profundas. [...] Poder-se-ia talvez dizer que Luís é personagem criado com premissas autobiográficas; e *Angústia*, autobiografia potencial, a partir do eu recôndito. Mas no processo criador tais premissas (que cavam funduras insuspeitas no subconsciente e no inconsciente) receberam destino próprio e deram resultado novo – o personagem –, no qual só pela análise baseada nos dois livros autobiográficos podemos discernir virtualidades do autor (CANDIDO, 2012, pp. 56-58).*

Opõe-se, com isso, aos críticos impressionistas que procuravam homologias entre a obra e a personalidade de seu autor, ou verossimilhança sem qualquer mediação, algo como um espelhamento da vida ou do social na obra, por exemplo. Além de uma análise detida no texto, e que não negligenciava o contexto, Candido não emitia o elogio fácil, e se pretendia ser o intérprete de Graciliano Ramos, como chega a sugerir Sérgio Milliet, era mais para um público especializado, oriundo das universidades, do que o simples leitor de jornal.

Se a recepção de Candido também é favorável, ela ganha significado diverso das anteriores: Graciliano estava sendo reconhecido na universidade, a legitimação vinha de um agente especializado e reconhecido entre seus pares da crítica.<sup>109</sup> Tratou-se de inscrever o escritor no cânone literário brasileiro e, ao mesmo tempo, de o crítico marcar sua posição. Isso ganha maior expressividade quando se atina para o fato de que anos mais tarde, o crítico se transferiria em definitivo da Sociologia para a Crítica Literária, bem como que os artigos dele começaram a circular quase que no mesmo momento nas edições de *Caetés* e, depois, *S. Bernardo*, ou seja, passaram a ser uma interpretação sobre o conjunto da obra de Graciliano Ramos. Em trechos de carta remetida por Graciliano a Candido essas coisas podem ser apreendidas:

*Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1945*

*Antonio Candido:*

*Só agora, lido o último artigo da série que V. me dedicou, posso mandar-lhe estas linhas e conversar um pouco. Muito obrigado. Mas não lhe escrevo apenas por causa dos agradecimentos: o meu desejo é trazer-lhe uma informação ajustável ao que V. assevera num dos rodapés. [...]*

*Onde as nossas opiniões coincidem é no julgamento de **Angústia**. Sempre achei absurdos os elogios concedidos a este livro, e alguns, verdadeiros disparates, me exasperaram. [...]*

*Por que é que **Angústia** saiu ruim? Diversas pessoas procuraram razões, que não me satisfizeram. Olívio Montenegro usou frases ingênuas e pedantes, misturando ética e estética. João Gaspar Simões afirmou que o americano é incapaz de introspecção – e com esta premissa arrasou-me. Veja só. Nada há mais falso que um silogismo. Álvaro Lins veio com aquele negócio de tempo metafísico. Mas isso diz pouco, não é verdade? Se eu constituísse uma exceção à regra de João Gaspar Simões e contestasse Olívio Montenegro e Álvaro Lins,*

<sup>109</sup> Desde os tempos de *Clima*, Antonio Candido vinha forjando seu nome entre os principais críticos de São Paulo, e sua transferência de área – da Sociologia para a Crítica Literária – pode ser pensada, dentre outras coisas, como uma estratégia para se consolidar, explicando ainda a acumulação de prestígio.



**Angústia** não deixaria de ser um mau livro, apesar de haver nele páginas legíveis.

*Por que é mau? [...] Angústia é um livro mal escrito. Foi isto que o desgraçou. [...] as partes corruptíveis tão bem examinadas no seu terceiro artigo. É preciso dizermos isto e até exagerarmos as falhas: de outro modo o nosso trabalho seria inútil. [...]*

*Esta explicação tem apenas o fim de exhibir-lhe o prazer que me causou o seu juízo. Quando um modernista retardatário e pouco exigente me vem seringar amabilidades a **Angústia**, digo sempre: – “Nada impede que seja um livro pessimamente escrito. Seria preciso fazê-lo de novo”.*

*Permita-me que apenas toque nos seus estudos relativos a **São Bernardo, Vidas secas e Infância**. Ser-me-ia difícil estender-me sobre eles. O que faço é agradecer. Por muito vaidoso que sejamos, às vezes certas opiniões nos amarram: diante delas ficamos atrapalhados e sem jeito.*

*Adeus, Antonio Candido. Abraços do admirador e amigo*

*Graciliano Ramos (CANDIDO, 2012, pp. 9-12).*

Depreende-se da leitura da carta pelo menos duas coisas: uma é o reconhecimento de Antonio Candido como alguém que teria realizado corretamente a leitura dos livros de Graciliano e, a outra, a legitimação e consagração mútua que as palavras do escritor encerram, já que ela pode servir, acredito, como complemento aos artigos publicados pelo crítico. Acerca da primeira dimensão, minha afirmação se apoia nas considerações feitas por Graciliano acerca dos críticos, que teriam realizado interpretações parciais ou mesmo incorretas sobre sua obra. Ao refutar os pareceres deles, colocava Candido como seu intérprete legítimo. Com isso, o crítico marcava uma posição definitiva acerca da obra do escritor alagoano, já que recebera o reconhecimento dele, deixando isso explícito ao publicar a carta junto dos artigos que escrevera, reunidos em *Ficção e Confissão*.

Corroborando essa perspectiva, afastando, portanto, a ideia de que a carta pudesse representar apenas um sinal de amizade e gratidão de Graciliano para com o crítico, vale mencionar duas situações. Quando a obra do escritor foi reeditada por José Olympio, em 1947, Graciliano enviou a Candido exemplares com dedicatórias, e numa delas se lê: “Antonio Candido: A culpa não é apenas minha: é também sua. Se não existisse aquele seu rodapé, talvez não se reeditasse isto” (CANDIDO, 2012, p. 12). Reconhecimento, por parte do escritor, da centralidade das opiniões do crítico, por isso não surpreende o fato de Graciliano ter manifestado o desejo de que Candido escrevesse uma introdução à sua obra.

*Tempos depois da sua morte, Antonio Olavo Pereira, que dirigia a sucursal paulista da Editora José Olympio, me convocou para dizer que Graciliano tinha manifestado o desejo de que fosse escrita por mim a introdução à próxima edição de sua obra. [...] Agora, no centenário de Graciliano, a Editora 34 teve a ideia de reeditá-lo com outros para formar este livro, cujo ar comemorativo implícito me agrada, pois serve para manifestar mais uma vez o meu constante apreço por um dos maiores escritores da nossa literatura, um dos raros cuja alta qualidade parece crescer à medida que o relemos (CANDIDO, 2012, p. 13).*

Se a legitimação do crítico como o intérprete de Graciliano ocorre por meio dessa correspondência, e da vontade do escritor de ter como introdução à sua obra um texto redigido por Candido, os artigos do crítico reforçaram a recepção favorável que Graciliano obtivera, colocando-o numa posição central entre os literatos. Ambos, contando com o reconhecimento de seus pares, atuaram, ainda que inconscientemente, para a inscrição dos seus nomes entre os atores legitimados no campo à medida que o reconhecimento foi recíproco.

Esse estado de coisas é mais uma evidência das variáveis necessárias para se chegar à consagração literária, que não depende exclusivamente da competência do escritor e da qualidade de seus livros; relaciona-se, também, a exigências não literárias (promoção pessoal, reconhecimento social do escritor, alianças das mais variadas etc.), que envolvem agentes diversos, conforme procurei evidenciar neste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

- CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). *Revista USP*, São Paulo, n. 26, p. 164-181, ago. 1995.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LINS, Álvaro. Vidas Secas. In: LINS, Álvaro. *Jornal de Crítica*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943. (2).
- LINS, Álvaro. Infância de um romancista. In: LINS, Álvaro. *Jornal de Crítica*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947. (5).
- LINS, Álvaro. Visão geral de um ficcionista. In: LINS, Álvaro. *Jornal de Crítica*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951. (6).
- MENDONÇA, Wellington Pascoal de. Graciliano Ramos e a roda de Maceió. *Sociedade e Estado*, v. 35, n. 03, p. 957-980, 2020.
- MENDONÇA, Wellington Pascoal de. *A consagração de Graciliano Ramos*. Dissertação de Mestrado – PPGS/Universidade de São Paulo, 2018.
- MICELI, Sérgio. Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945). In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. São Paulo: Martins, 1981. p. 200-205. (IV).
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. São Paulo: Martins, 1981. p. 248. (VI).
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. São Paulo: Martins, 1981. p. 278-282. (VIII).
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. São Paulo: Martins, 1981. p. 126-129. (IX).
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. São Paulo: Martins, 1981. p. 222-223. (X).
- MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- PONTES, Heloísa. *Destinos Mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- SAPIRO, Gisèle. Elementos para uma história do processo de autonomização: o exemplo do campo literário francês. *Tempo Social*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 93-105, jun. 2004.
- SERRANO, Pedro Bueno de Melo. *A crítica bandeirante (1920-1950)*. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- SILVA, Simone. *As rodas literárias nas décadas de 1920-30: troca e reciprocidade no mundo do livro*. 2004. 84 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2004.
- SORÁ, Gustavo. *Brasileiras: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2010.
- SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. O Círculo de Bloomsbury. In: WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

## FONTES CITADAS

- GRIECO, Agripino. “Corja”, “Sinhá Dona” e “Caetés”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1934.
- GRIECO, Agripino. “Sem título”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1934.